

cescontexto

As casas vistas de dentro e de fora

Organização

Carlos Fortuna

Nº 21

Julho, 2018

Debates

www.ces.uc.pt/cescontexto



Propriedade e Edição/Property and Edition

Centro de Estudos Sociais/Centre for Social Studies

Laboratório Associado/Associate Laboratory

Universidade de Coimbra/University of Coimbra

www.ces.uc.pt

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087

3000-995 Coimbra - Portugal

E-mail: cescontexto@ces.uc.pt

Tel: +351 239 855573 Fax: +351 239 855589

Comissão Editorial/Editorial Board

Coordenação Geral/General Coordination: Sílvia Portugal

Coordenação Debates/Debates Collection Coordination: Ana Raquel Matos

ISSN 2192-908X

Índice

Nota de abertura	3
<i>Carlos Fortuna</i>	
As casas em dois sentidos	4
<i>Madalena Duarte</i>	
Violência dentro das casas	8
<i>Sílvia Portugal</i>	
O cuidado em casa e o cuidado da casa	16
<i>Carolina Anselmo</i>	
Mudar de casa	19
<i>Bruno Franco Alves</i>	
Conexões Público-Privado	24
<i>Violeta Rodríguez</i>	
Morar fora de casa: uma experiência de resistência no Bairro da Merced, Centro Histórico da Cidade do México	28
<i>Rómulo Oliveira</i>	
Janela de classe e o olhar no olho da casa	33
<i>Adelino Gonçalves</i>	
O(s) lado(s) de fora da casa	43
<i>José Manuel Mendes</i>	
Os “sem-casa”... e depois?	46
<i>Graça Índias Cordeiro</i>	
A rua e a casa, que relação?	49
<i>Paulo Peixoto</i>	
A casa despida	53

Morar fora de casa: uma experiência de resistência no Bairro da Merced, Centro Histórico da Cidade do México

Violeta Rodríguez, Centro de Estudos Sociais e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
violeta.rodriguez.becerril81@gmail.com

Flota un olor a sopa de pasta
las ruínas no son ruínas,
el deterioro es sólo de la piedra inconsolable
la gente llega, vive, sufre, se muere.
vienen los otros a ocupar su sitio
la casa arruinada sigue viviendo.
José Carlos Becerra

Este texto recolhe partes de uma investigação sobre efeitos do processo de gentrificação sobre o espaço público a partir da experiência de despejo que acompanhei no bairro de La Merced, no Centro Histórico da Cidade do México em 2011. O que se descreve de seguida tem como ponto de partida a expulsão dos moradores de uma casa do bairro, a que chamaremos “nossa casa”. Estes moradores foram expulsos do prédio que habitavam havia mais de duas décadas. Em um ato de resistência, construíram a sua “nova casa”, uma instalação precária feita de placas de cartão e madeira localizada a um canto da praça situada em frente da sua antiga casa. Essa ocupação informal do espaço público alterou a relação das pessoas despejadas com os restantes moradores do bairro, e gerou novos usos e significados do espaço, assim como do mobiliário urbano, ilustrado aqui pela praça pública e a sua fonte central. O percurso através da história dessas casas será feito como tentativa de responder a uma série de questões sobre a relação da casa com a cidade e o bairro e, por outro lado, como entender a “casa” como espaço, a um tempo, doméstico e coletivo onde várias tensões e afetividades são colocadas.

Onde é a sua casa?

Uma das primeiras perguntas que se faz quando falamos da nossa casa é sobre o seu endereço. Nos bairros da Cidade do México temos uma pergunta que à primeira vista é enganadoramente simples: qual é teu código postal? Isto significa que a pessoa tem que mostrar um conhecimento das práticas identitárias, dos códigos e da linguagem do bairro. As respostas dos moradores a esta pergunta são um certificado da sua pertença ao lugar. A casa que me ocupa neste texto sendo muito afastada, encontra-se situada num dos bairros mais representativos do Centro Histórico da Cidade do México: O bairro da Merced. Aqui se fixaram muitos migrantes indígenas e estrangeiros, oriundos da Arménia, de Espanha e do Líbano e o bairro é conhecido como lugar de comércio, com um dos mercados mais importantes da cidade, uma zona de papelarias e de lojas de objetos religiosos, sendo que

uma parte do bairro constitui ponto para o comércio sexual¹. O bairro da Merced ou “La Meche”, como é popular e afetivamente chamado, é um espaço multicultural e socialmente complexo. O dia-a-dia do bairro tem um fluxo contínuo e acelerado de pessoas com intensos intercâmbios materiais e simbólicos. Na maioria dos seus edifícios existem hoje lojas ou armazéns de reconhecido valor histórico e patrimonial.

A “nossa casa” situa-se numa das zonas mais representativas do bairro – a praça “La Aguilita” – formalmente chamada praça Gustavo Baz. Alguns dos espaços da Cidade do México têm mais de uma designação em resultado de afetos e das histórias que ali tiveram lugar e que fazem parte do capital simbólico dos lugares. A praça La Aguilita é conhecida por conter um dos mitos fundadores da cidade. Com efeito, diz-se que foi ali que os aztecas encontraram a águia engolindo uma serpente, o signo que mais tarde viria a ser o marcador simbólico da fundação da Grande Tenochtitlan, hoje Cidade do México. Perto da casa encontra-se a fonte central da praça que faz referência a este mito fundador, com a representação da águia, da serpente e de um cacto, além das áreas verdes e canteiros. A “nossa casa” é a que se situa do lado esquerdo da fotografia da praça.



Imagem 1 - Praça La Aguilita no bairro da Merced, Centro Histórico da Cidade de México

Como é a “nossa casa”?

Um segundo ponto que pretendo questionar é a fachada das casas. Nas cidades latino-americanas este aspeto é muito importante devido à falta de ordem dos números e nomes das ruas. Por exemplo, é comum que um nome de rua se repita ou que as casas partilhem o mesmo número, o que torna difícil identificar as moradas precisas. As particularidades das casas adquirem, assim, uma dimensão diferente, sendo que para as localizar se pergunta pela cor da fachada, a cor da porta, ou o número de janelas que têm. A identidade da casa é um referente espacial.

A “nossa casa” é um desses casos de moradias sem código postal nem endereço. A este respeito, podemos recordar que o sociólogo Pierre Bourdieu sublinha que, na ordem jurídica e simbólica, uma pessoa sem endereço postal, praticamente, não tem existência no espaço social. Por ironia parece que esta avaliação se aplica diretamente à experiência desta “nossa casa” que, sem a “existência social” referida por Bourdieu, se tornou presa fácil dos interesses que acabaram por desalojar as seis famílias que ali moravam.

¹ Podem ser consultados os documentários [Los armenios en la Merced](#), produzido pelo Colegio de Michoacán e [Plaza La Soledad](#), da fotógrafa Maya Goded.

Os moradores desta casa, tendo sido expulsos dos seus apartamentos, procuraram reconstituir a disposição original do espaço coletivo, mas também do espaço interno de cada unidade familiar, quando se viram obrigados a morar no espaço público. A “nova” casa coletiva em que passaram a residir os desalojados da “nossa casa” foi construída num tempo muito curto, aproveitando os bocados cartão e outros materiais das papelarias do bairro, assim como diversos bocados de madeira, plásticos e ferros. O teto tinha diversas cores e as divisórias entre os quartos eram feitas de pedaços de tecido. A área ocupada pela casa estendia-se ao longo de uma parcela lateral da praça, numa extensão de cerca de 25 por cinco metros. No conjunto da “nova” casa moraram dez pessoas, sendo a maioria mulheres e crianças.



**Imagens 2 e 3 - A “nova” casa na Praça La Aguilita,
Bairro da Merced, Centro Histórico da Cidade de México, 2011
Fonte: Arquivo pessoal da autora.**

As formas da casa

Um terceiro aspecto refere-se à funcionalidade da casa, à suas forma, número de quartos, de salas de banho e dimensão da cozinha. As fotos que apresento são do exterior da casa, uma vez que, durante a investigação, combinei com os moradores que não tiraria fotos do seu interior, embora pudesse descrever a organização interna do espaço. A “nova” casa tinha uma cozinha, o espaço maior de toda a casa, uma sala comum de televisão, três quartos e uma pequena sala de banho. A cozinha era o espaço de maior socialização e de partilha das atividades do conjunto dos moradores. As crianças brincavam no exterior da casa que na verdade era constituído pelo espaço da praça, o mesmo onde sempre tinham brincado antes, mas que agora era convertido em quintal da “nova” casa.

No seu todo, a praça La Aguilita sempre funcionou como o quintal de todas as casas em redor. Já a fonte da praça foi agora convertida em lugar da lavagem de roupas e dos utensílios de cozinha e, por vezes, era mesmo usada como casa de banho. Por um tempo, a praça foi de fato uma extensão da própria casa.

Nos primeiros meses de cerca de meio ano da sua instalação precária na praça, os moradores beneficiaram do apoio dos vizinhos. Com o passar do tempo, estes não deixaram de revelar algum incómodo com a presença da nova “moradia” em pleno espaço público, como que a subscrever a expressão de uma vizinha, para quem “a solidariedade tem data de

caducidade”. A ocupação da praça foi a resposta encontrada pelos moradores da “nossa casa” para reagir às ações de despejo que se foram multiplicando por todo o bairro da Merced.

A comunidade dividiu-se em resultado de um processo de gentrificação que ainda não está terminado. Além disso, alguns usos privados, que veremos adiante, do espaço público da praça dissolveram a noção de fronteira entre o que é público e privado, o que deu origem ao surgimento de novas conflitualidades. Este foi o caso das práticas associadas ao espaço íntimo como, por exemplo, tomar banho na fonte pública, suscitaram reações pouco amistosas por parte da vizinhança.

Enquanto o interior da “nova” casa, com as suas paredes improvisadas, concedia um certo grau de privacidade e segurança aos moradores, o mesmo não sucedia em relação à hostilidade exterior que as mesmas frágeis paredes se mostravam incapazes de suster. Afinal, a situação era muito ambígua politicamente: as pessoas encontravam-se literalmente a viver a situação dupla de conforto e segurança dentro da “nova” casa e de desconforto e insegurança fora dela.

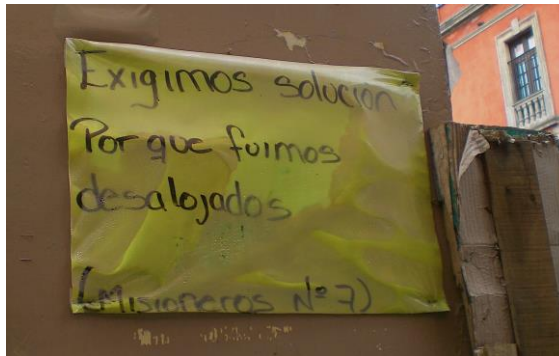


Imagem 4 - Cartaz fora da casa, 2011
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As “almas do lugar”

Depois de alguns meses passados na sua “nova” casa, os moradores foram desalojados de novo. Os objetos que foram parte das suas vidas quotidianas foram então deixados para trás, abandonados na praça. Estes despojos eram agora tudo o que assinalava a ação corajosa de resistência ao despejo inicial da “nossa” casa. Tal como afirma Michel De Certeau (2000: 137), se os objetos urbanos são o equivalente às “almas do lugar”, neste caso os móveis abandonados representam as almas das casas desses moradores despejados – tanto da “nossa”, como da “nova” casa. São o sinal último e os testemunhos da sua presença no lugar, das suas afetividades e histórias entrelaçadas no espaço do bairro. A poltrona da casa, a mesma em que se sentaram os membros da família, os convidados e as personagens do bairro ficou desamparada no lixo. Com ela, também as lembranças articuladas nos poucos móveis ficaram por ali empilhadas... deixadas ao abandono.

Foi tudo o que, depois de breve ausência de duas semanas, a investigadora encontrou quando regressou a La Aguilita.



Imagens 5 e 6 - Restos do mobiliário das casas, Praça “La Aguilita”, 2011
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A velha “nossa” casa ficou sem moradores por muito tempo, em ruínas e solitária. Até que fosse renovada, a rádio comunitária do bairro usou os estores em ruína das suas janelas para expor parte da sua “galeria noturna”, um exercício de fotografia de arte-resistência a mostrar a dinâmica vida social de um bairro ameaçado. A casa arruinada, que em tempos foi a “nossa casa”, continua a viver. A resistir.



Imagem 7 - Primeira Casa, Bairro da Merced, 2011
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Referências bibliográficas

Bourdieu, Pierre (2010), “Efectos de lugar”, in Bourdieu, Pierre, *La miseria del mundo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 119-12

Becerra, José Carlos (1976), “Vecindades del centro” [*Islas a la deriva*], *Revista Tarde y Temprano*, 176.

De Certeau, Michel (2000), *La invención de lo cotidiano. Las artes de hacer*. México: Universidad Iberoamericana.